

LETRAS DO CAFÉ

BELO HORIZONTE, NOVEMBRO DE 2006 • PERIÓDICO CULTURAL DO CAFÉ COM LETRAS • TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES • PEÇA O SEU CAFÉ E TENHA UMA BOA LEITURA



Programação de Novembro

■ 4a. Exposição do ciclo "Filhos de Warhol, Netos de Duchamp"

Felipe Guimarães e Daniel Patrick
Quarta-feira, 01.11, 20:00 (abertura). Até 30.11

■ Letras do Café

Lançamento da edição comemorativa de 10 anos do Café com Letras
Sexta-feira, 03.11

■ DJs no Café

03.11 DJ Bitt (pop & eletrônicos)
10.11 DJ Fernando Scratch (grooves brasileiros, jazz & lounge)
24.11 DJ Fred Pessoa (ambient)

■ Festa de 10 anos do Café com Letras

Sexta-feira, 17.11

• Chill-in no Café com Letras

DJ Gabi de 18:00 a 21:30
DJ Chanceler de 21:30 a 01:00
VJ Dani Fatur de 21:30 a 01:00

• Entrega do prêmio "Melhores do Ano"

• Festa na Mary in Hell

DJ Pemba - 00:00
DJ Penélope - 01:00
DJ Danelectro - 02:00
DJ Thiago Cab - 03:00
DJ Matias - 04:00

■ Jazz com Todas as Letras

• Duo Roble
Sábados 04, 11, 18 e 25.11 e 02.12, 19:00

• Fogo na Jaca
Domingo, 05.11, 19:00
• Panacea
Domingo, 12.11, 19:00
• Jazz'n'Coffee
Domingo, 19.11, 19:00
• Celso Moreira Trio
Domingo, 26.11, 19:00

■ Jeff is back!

Dê um abraço no querido Jeff K., de volta de sua volta ao mundo.
DJs Penélope, Gabi, James e Bitt
Segunda-feira, 13.11, a partir de 18:00

■ E em dezembro...

■ Jazz com Todas as Letras

• Duo Roble
Sábado, 02.12, 19:00
• Beto e Wilson Lopes
Domingo, 03.12, 19:00

Um grande 'caldo atômico'

Bruno Golgher, proprietário do Café com Letras, conta histórias e fala de futuro

LC: Como começou a história do Café?

Bruno: Começou por iniciativa de 3 pessoas: eu, a Cilza e o Beto. A Cilza já tinha uma loja e fábrica de chocolates, a Clio. Eu, desde criança, sempre me interessei muito por livraria, guardava entrevista de editor... e o Beto, que foi meu colega de Economia, sempre gostou e gosta até hoje de cozinha, e pensava em ter um café. Então, um belo dia, a gente se encontrou na Merceria do Lili, e entre um drinque e outro, veio a idéia de abrir o negócio. Eu tinha acabado de terminar o meu mestrado, pensava em fazer doutorado, e sempre com essa história de livraria na cabeça. Achei que era uma boa parar, fazer uma "saída" do mundo acadêmico e ver o que ia acontecer. Se não desse certo, eu voltava rapidinho... Ai o Beto, passeando, viu a faixa "aluga-se" ... e de repente a gente começou a fazer o Café. Sem maiores planejamentos. A construção foi uma empreitada coletiva. O banco de azulejos, por exemplo, tem uma porção de referências das pessoas que participaram. Cada um deixou, em vários lugares, um pedaço seu na construção do Café.

LC: Mudaram muito o imóvel?
BG: Bastante. Era uma residência. O primeiro comércio a ocupar esse espaço foi o Café, foi uma obra razoável (risos), isso tudo com um orçamento infimo... Se por um lado isso gera precariedade, por outro a gente teve que participar, isso foi legal. Às vezes um pessoal de faculdade quer me entrevistar, saber como foi, se a gente planejou, fez marketing... a gente não fez nada. A gente abriu, chamou amigos, família... e veio a histó-



ria da gente jogar em todas. Às vezes eu estava sozinho... e era preciso fazer de tudo. Não tinha essa equipe que tem hoje... e era vender livro, ser caixa, garçom, balconista, atender na loja de chocolate...

LC: Quanto tempo durou essa fase de "faça você mesmo"?

BG: De certa forma não acabou (risos)... O primeiro ano foi muito difícil, a gente chegou a pensar em fechar. Começamos a fazer mudanças, alterar o horário de funcionamento... durante um ano e meio a gente viveu momentos de tensão, não sabia se ia dar.

LC: O sucesso não veio logo?

BG: Quem trabalha no Café não costuma pensar assim... a gente nunca pensa "deu certo", mas sim lembra todo dia e tenta fazer o melhor possível. O Café teve dois momentos de crise mesmo - esse final do primeiro ano, e quando a sociedade se

separou. Já eram 2 Cafés, e eu fiquei aqui na Savassi. Terminada a separação, o Café deu uma caída, um momento péssimo. Foi dureza.

LC: E como foi a recuperação?

BG: Guiada por amigos e família. A estratégia era chamar o pessoal pra vir, sentar perto da janela - "Olha, tem gente aqui!" (risos). A família e os amigos sempre foram muito importantes na história do Café.

LC: Como o "café" foi tomando mais espaço do que as "letras"?

BG: Quando o Café abriu, eram três atividades com espaços relativamente iguais - o café, a livraria e a loja/fábrica de chocolates, a Clio. Meu foco principal era a livraria, e eu ia ficar felicíssimo se ela fosse um sucesso. Mas não foi. Vender livro no Brasil é uma das coisas mais difíceis que existe. É por uma dinâmica muito própria, as pessoas, foram gostando mais do café, talvez

estivessem acostumadas a comprar livros em outras livrarias... o fato é que a demanda pelo café foi crescendo. As mesas e cadeiras foram se espalhando pelos espaços da livraria e da Clio, e a gente também foi aprendendo a usar melhor os espaços.

LC: Mas existem planos pra dar uma vitalizada na livraria...

BG: A idéia é aumentar o espaço da livraria e ter algo único, um diferencial. (veja fotos do projeto da Livraria do Café na pág. 6) Já fomos importadores de livros, era uma possibilidade da livraria encontrar sua identidade. Mas o dólar começou a subir loucamente e paramos. Ainda estou em busca dessa identidade. Ao longo dos anos, assumi mais funções administrativas e me envolvi mais com projetos culturais, e fui deixando a livraria. Achei que ela era economicamente irrelevante, e isso a tornava irrelevante. Um

Continua na pg.9

EDITORIAL DO MÊS

Não basta ser cliente. Tem que participar.

Mais do que especial esse 'Letras do Café' dedicado aos 10 anos de Café com Letras. É sempre muito bom preparar o jornal, mas foi particularmente emocionante essa edição. Quando fui recebendo as amáveis colaborações para esse número, vi minha caixa postal inundada de carinho. Gente que fez questão de recuperar na memória afetiva momentos vividos no Café. Gente que fez questão de lembrar de mais gente (quiséramos nós conseguir lembrar de todos...). Gente que contou histórias e fez questão de compartilhar o apreço que sente por um espaço tão singular.

Como editora, me vi também com a prazerosa missão de entrevistar o dono e fundador do Café, Bruno Golgher, para a capa desta edição. Foi uma conversa inspiradora, emocionante, recheada de lembranças. Bruno personifica o Café (ou seria o Café uma extensão da sua personalidade?), como sujeito inteligente, esclarecido e atuante que é. Sintetizou num projeto vencedor sonho e empreendedorismo, e conseguiu construir um espaço que vai muito além das mesas e cadeiras.

Talvez por isso tenha sido uma uma conversa esclarecedora, também. Este que você, leitor, tem nas mãos, é o sexto 'Letras

do Café'. Um projeto feito com algumas mãos e muita boa vontade. Já se vão alguns meses desde que o que era mera idéia de clientes assíduos tomou dimensão real. Nesse tempo, tive oportunidade de conhecer melhor todo o pequeno "universo" do Café, aprofundar amizades, conhecer novos amigos... e trabalhar bastante para que o jornal chegue em dia e para que se aperfeiçoe. Naturalmente, por mais divertido que seja, isso demanda tempo e esforço. Correrias acontecem. Noites são invadidas. Litros de café são consumidos, até mandar o jornal para a gráfica e respirar aliviada... para começar tudo de novo para o próximo número. Ai alguns me perguntam (e até eu mesma, quando as coisas começam a ficar tensas) - por que fazer o jornal?

Conversando com o Bruno, vi com clareza toda atmosfera de criação e realização que circunda o Café com Letras. A densidade maior que o habitual de idéias que estão no ar. E a catálise que acontece aqui com mais força do que o normal para que elas se tornem reais.

Isso contagia. Dá vontade de fazer parte. Perguntem-me de novo por que fazer o 'Letras do Café': eis a resposta. Boa leitura!
Carla Marin

LETRAS DO CAFÉ

Editoria e Direção Geral:

Carla Marin

Editor Honorário:

Bruno Golgher

Redação (esta edição):

Beto

Fred Guimarães
Gabriela Mudado
Mr. Mistério
Vinicius Lacerda**Jornalista Responsável:**

Vinicius Lacerda

Tiragem:

1000 exemplares

Impressão:

Gráfica Fumarc

Anúncios:

Para anunciar no Letras do Café, ligue 3221-2285, das 14:00 às 18:00 e fale com o Vinicius, ou procure a equipe do Café com Letras.



Letras do Café é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte/ MG - CEP 30112-010

Como fazemos sempre questão de frisar, nenhuma letra de chocolate foi desperdiçada na elaboração deste periódico.

COLUNA DO FRED

Fred Guimarães

Velinhas para todo mundo soprar

"Nusga"! São dez anos, já, e pensei que todos que viveram, vivem e ainda vão viver mais devem soprar as velas para comemorar o aniversário do Café com Letras. Gente que de alguma forma contribuiu para que esse lugar fizesse suas bodas.

Primeiro o Bruno, grande amigo, grande empreendedor, grande pessoa; sem ele o Café não estaria comemorando. Não se pode esquecer de sua família: seus dois irmãos e sua irmã, adorável amiga; seus pais, duas pessoas de que aprendi a ser amigo e que sempre estão presentes; sua mulher, e a família dela, seu irmão e pais, pessoas queridas e fraternas.

Velinhas também para Beto e Cilza que fizeram parte dos primeiros anos do Café com

Letras e até hoje estão aqui. Para as saudosas garçonetes: Bia, Fofis e a adorável Juju que anda atrás dos montes divulgando cultura... Tem a Fernandinha, que de garçoneiro passou a gerente. Outras seguiram esse caminho: a querida e competente amiga Anna Sophia; querida demais e ótima companhia: Dani Friedlander; Marina, que vejo pouco, mas é sempre gratificante reencontrar...

Tive a felicidade ainda de me tornar amigo de tantas outras pessoas que aqui trabalharam e não arredam o pé (isso parece ser um movimento natural): Nara, doce amiga; Laurinha, minha afilhada; Ana Paula, muito especial. Outros também: André, sério,



compenetrado, gerenciou naquelas loucas sextas-feiras... O Ike, também, que tornou-se um bom amigo e sabe como ninguém dar um ar de festa ao Café com Letras. Tem tantos outros: Jojô, Jhonhon, Léo, a italiana Lucrécia; Margot, Satiro, Raquel, Sônia, Branca... Desculpem-me, tenho certeza que esqueci de muitos... mas estão de alguma forma naquele lado da boa lembrança. Tem o pessoal da cozinha e da administração e a adorável Rebeca, minha livreira predileta...

Há os amigos que fiz - e muitos deles estão aqui para fazer a história dos dez anos do Café com Letras: Carol, Tiago, Lígia, Pipi, Matias, Gaby Abdala, Jú Torres, Taís, Gabi Penélope, Chan, Rachel, Mariana, Carla, Leticia, Daniel Jesus, Nina, Zé Cláudio, Betinho, Juliana, Matheus, Luiz... nossa, tenho certeza de que esqueci de muita gente. Assim, peço desculpas novamente.

Acredito que todas essas pessoas que citei (e aquelas que com certeza esqueci de citar), somadas a você que está lendo esta coluna, com certeza contribuíram para todos esses anos de muito almoço, fim de tarde ou uma boa noite. Todos merecem participar dos festejos. Todos merecem apagar uma, dez, vinte... muitas velinhas. Parabéns pro Café com Letras!

Fred Guimarães é um dos imortais do Café com Letras!

JAZZ COM TODAS AS LETRAS
23/09 - 03/12
2006

Todos os Sábados e Domingos,
De 23 de Setembro a 03 de Dezembro, a partir das 19 horas.
No Café com Letras,
Rua Antônio de Albuquerque, 781, Savassi.
Informações: (31) 3225 9973.

OTATUA ototai

Coração pleno, boa fé e a certeza de ser feliz

**Alberto Pinto Coelho Fonseca
(o Beto)**

Neste ano de 2006, o Café com Letras completa 10 anos de existência. Muita gente conhece o Café, frequenta, mas poucos conhecem a verdadeira história de sua gênese. Dois sujeitos chamados Bruno e Alberto faziam economia na UFMG. Bruno começou a reparar que aquele tal de Alberto frequentava as aulas, mas ficava na primeira fileira, não ia pro fundo da sala participar das conversas da turma. Achou o sujeito estranho, mas, em vez de deixar de lado, resolveu conversar com ele qualquer dia, para ver o que era aquele espécime humano. Curiosidade sociológica.

Alberto e Bruno tornaram-se amigos. Um dia Alberto se casou com Cilza, que tinha

uma loja de chocolates na Savassi, a um quarteirão do atual Café com Letras. Alberto tinha vontade de ter um café, Bruno queria abrir uma livraria, juntaram-se os três, com seus sonhos, sua imensa boa vontade, vontade de acertar, e montaram um negócio triplice, que abriu suas portas em 6 de maio de 1996: o Café com Letras. Tríplex, sim, pois, no início, o Café não era só livraria e café, mas tinha também uma loja de chocolates (e uma mini-fábrica nos fundos!).

Um aspecto curioso daquela época, 1996, é que nenhum lugar em Belo Horizonte, seja bar, café, restaurante, tinha garçons e garçonetes universitários, não-profissionais. A idéia de contratar unviversitários, que hoje, 10 anos depois, parece corriqueira, saiu da cachola do Bruno. Cilza e Beto

acharam meio estapafúrdia, mas sociedade é aquela coisa meio parecida com casamento, há que se fazer concessões pelo bem geral do empreendimento, e às vezes dá certo! Foi o que aconteceu nesse caso: Beto e Cilza tiveram de se curvar ao sucesso da iniciativa de Bruno. No começo, tempos gloriosos (vistos de hoje, claro – na época, para os três pobres donos do Café com Letras, aqueles eram tempos de estafa física, trabalho incessante somado à incerteza total sobre o futuro), só havia uma garçonete para toda a semana; depois foram duas, três, quatro, nove. Mais adiante, uma das primeiras garçonetes foi promovida a gerente, depois outra, depois veio a figura da “hostess”, que recebia os clientes e os levava para as mesas. Essa sempre foi a marca do Café, seu grande trunfo: pessoas interessantes e

interessadas, jovens, bonitas, alto astral, estudantes de arquitetura, bailarinas, futuros DJs...

Um belo dia... deu certo. O Café foi parar na TV, jornais, revistas (ganhou – e ganha até hoje, vários prêmios da “Vejinha” BH, de melhor café da cidade, melhor pão de queijo, melhor paquera e por aí vai). Uma novidade se consolidava, e o público de beagá queria aquele estilo de vida: sentar, tomar café, ler um livro tirado da estante da livraria sem ser incomodado pelo livreiro, achar, bem no miolo da Savassi, um certo ar de Paris, com uma pitada de Soho novaiorquino. A chave do sucesso? Pergunte a Bruno, ele dirá “muito trabalho e bons valores”; pergunte a Cilza, ela dirá “competência e um clima de trabalho fantástico desde o início”, pergunte

a Beto, ele dirá “ter estrela”. Não necessariamente nessa ordem, pois isso aqui não é texto de auto-ajuda e sucesso administrativo.

Se há alguma coisa, porém, que você, leitor, frequentador do Café, pode aproveitar dessa experiência toda, é a seguinte: se você está pensando em abrir seu negócio, embarque de coração pleno, boa fé, convencido de que será feliz com aquilo, com ou sem dinheiro (pois a vinda desse último para o seu bolso é coisa sempre incerta nesse cenário mundial de globalização, multinacionais, “clash of civilizations” etc.). E, enquanto pensa, passe no Café com Letras, pegue um livro, peça um cafezinho, uma porção de pães de queijo, e relaxe!

Beto hoje é adido cultural em Londres

CONVERSAS DO CAFÉ

O café e o Kama Sutra

Aventuras e desventuras da colunista que já fez (e viu) de tudo no Café com Letras

Gabriela Mudado

Eu detestei quando me informaram que a edição de novembro deste jornal seria uma homenagem ao aniversário de dez anos do Café com Letras. Não porque eu não gosto do Café ou de falar sobre ele, ao contrário, Deus e os garçons são testemunhas de que passo mais tempo por aqui do que seria considerado saudável. Mas porque eu soube imediatamente que o tema me faria ficar horas na frente da página em branco do Word, pensando nos últimos cinco anos da minha vida, dos quais o Café fez parte ativamente – ora como cenário principal, ora como pano de fundo –, tentando escolher uma das tantas lembranças que fazem tranqüilas pelos cantos

empoeirados da memória.

Falar do Café usando os 2800 caracteres, aos quais tenho direito aqui é o mesmo que ser convidado a fazer uma resenha da trilogia do Poderoso Chefão em quatro linhas. O fato é que, depois de tanto tempo vindo aqui pelo menos três vezes por semana e tendo ocupado quase todos os cargos que a hierarquia do Café oferece – recepcionista, garçonete, caixa, copeira, gerente, produtora e DJ, é bem grande a tentação de cair na pieguice, de entrar em blá, blá, blás cheios de elogios rasgados e contar histórias que só fazem sentido para um pequeno grupo de pessoas.

Como funcionária, a época mais divertida foi quando as-



sumi a gerência. Ser gerente do Café com Letras é como ser avó: a gente fica só com as partes boas. Não tem mais que carregar bandejas pesadas, pode sentar eventualmente e bater papo com um ou outro amigo que aparece, tem poder de torturar os garçons e o maior problema que pode acontecer é um cliente reclamar que veio muito pimentão

no prato. Claro que a responsabilidade é muito maior e a função tem seus pontos fracos, como quando o som pára de funcionar, o software do caixa trava ou o alarme resolve dar problema às três da manhã de sábado, exatamente na mesma hora que a sua banda preferida vai tocar na Obra. Tirando estas pequenas desventuras, é só alegria.

Eu me lembro que, em um dos meus primeiros dias exercendo a função, uma sexta-feira movimentada, apareceram três mocinhas de 15, 16 anos. Logo preguei os olhos nas meninas para me certificar de que não consumiriam nada etílico. Cheias de risinhos e segredinhos típicos da idade, observei que elas estavam se achando muito adultas, muito modernas, como eu também me achei um dia. Em dado momento, uma delas veio até mim e, com o mesmo tom de voz que a minha avó usava quando ia comprar absorvente na farmácia, perguntou: “Você tem o Kama Sutra?”. Para mim, que sou cheia de maldade no coração, aquilo parecia Natal. Sem sair do lugar, com a livraria cheia de gente esperando mesa, localizei o livreiro lá no fundo, perto dos banheiros, enchi os pulmões e gritei:

- Ô, Jardel, esta mocinha aqui está querendo saber se tem o Kama Sutra.

Bom, bonito e barato

O artista Felipe Guimarães apresenta obras que trabalham elementos do cotidiano, do mundo urbano e do consumismo, enfatizando a poética dadaísta no mundo contemporâneo

Vinicius Lacerda

Com um olhar introspectivo e distantemente concentrado no espaço que estava, o artista plástico Felipe Guimarães chegou para a entrevista no Café com Letras. Felipe é o penúltimo dos expositores selecionados do projeto Filhos de Warhol e netos de Duchamp. Com 21 anos e recém chegado à capital mineira, ele afirma que a sua mudança influenciou diretamente em sua "percepção do signo como real".

Felipe acredita que a ausência de custos não significa inferioridade em uma obra artística. Ao contrário, ele enxerga que a street art, por exemplo, mostra como artistas podem manifestar suas obras com qualidade sem estarem providos de materiais caros. Ele até mesmo já utilizou jornais como suporte artístico e, ainda enfatiza que "pintaria no chão com tijolo caso fosse necessário".

Baseado nessas crenças ele

exporá nove peças neste mês na Galeria de Arte do Café com Letras. À primeira vista, pode-se verificar na obra uma caracterização apenas do urbanismo. Contudo, ela tem foco numa pesquisa de suporte de caráter tridimensional. Felipe utiliza nove caixotes de feira e um latão de tinta como suporte para suas obras. Elas traduzem, também, o sentimento do artista em relação à sua visão nascida de um país de terceiro mundo situado em um sistema capitalista no qual tudo é desperdiçado.

Questionado sobre o apoio que o governo municipal dá aos artistas ele diz que é um apoio incompleto. "Na Alemanha, por exemplo, o governo faz questão de fomentar a arte como pesquisa científica. O governo deveria viabilizar as artes como compromisso histórico - apesar da arte ser, atualmente, efêmera", enfatiza.

Na mesma exposição estarão presentes, também, as obras de

Daniel Patrick. Ele é estudante de Design e expôs recentemente no Café com Letras o trabalho "UZT de Varginha" na mostra coletiva Mito Design. Em sua obra atual, utiliza colagens e baseia-se na demonstração de estilos artísticos que se estruturam na desconstrução de imagens populares e de consumo. "Esses trabalhos têm o intuito de fazer com que as pessoas busquem diferentes experiências estéticas através de uma das principais portas da percepção: o olhar", explica Daniel. As duas exposições estão juntas por concentrarem seus temas em urbanismo, consumo e arte baseada em suportes de custo reduzido.

A exposição tem início no dia 01 de novembro e continua até o dia 30 do mesmo mês. Os horários: 12:00 a 00:00 de segunda a sábado, e domingos, das 17:00 às 23:00.

Para maiores informações acesse www.ototoi.com.br ou envie um e-mail para curadoria@ototoi.com.br

Um lugar para chamar de seu

Mr. Mistério passa por BH e mata a saudade de seu café preferido

Caros amigos, de tempos em tempos um aventureiro como eu precisa descansar os pés e molhar a garganta em algum lugar tranquilo e relaxante como um café. Em minhas andanças ao redor do mundo já passei pelos mais diversos lugares: dos botecos suspensos em palafita da periferia de Kuala Lumpur até os mais refinados bistrôs de Paris. Vi, comi e ouvi de tudo.



Mas todo ser humano tem em si próprio o desejo inerente de voltar para casa. Desde os tempos de Rama e Odisseu (Ulisses para os íntimos) essa vontade primal do retorno ao local de origem acompanha a humanidade. Comigo nunca foi diferente.

Quando viajamos pelo mundo, conhecendo outras culturas e povos, tudo parece mágico e misterioso. Você pode passar a vida inteira se divertindo, espantando e maravilhando com as peculiaridades de cada povo, de cada indivíduo. Cada lugar da Terra é um micro-universo com suas próprias características, aparências, costumes e regras. Mas uma coisa não muda nunca: o tema do local de origem, das raízes, do lugar onde a história de um povo - ou de um indivíduo - se construiu.

Depois de tanto viajar pelo mundo eu já deveria ter perdido a noção de onde é meu lar de verdade, mas isso nunca aconteceu. Existe alguma coisa muito inexplicável nessa sensação de se sentir em casa. É uma mistura de cheiros, cores, sabores, sotaques, texturas, luz e som. E lembranças. Tudo isso misturado ajuda a entender essa necessidade que temos de voltar para casa de vez em quando.

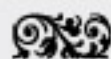
Essa obsessão tem uma forma de expressão em menor escala: todo mundo precisa ter "um lugar para chamar de seu". Um recanto, no cotidiano, onde a pessoa possa se esconder da rotina do dia-a-dia, e criar uma rotina própria, agradável, onde

ela controla tudo. Um lugar onde sabem o seu nome, te tratam bem independente de como você esteja se sentindo e te alimentam muito bem.

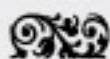
Alguns poucos sortudos nesse mundo enorme e maluco têm um lugar como esse no Café com Letras. Não estou reclamando das minhas aventuras, mas muitas vezes me bate aquela saudade de casa. Estou perdido no meio de algum país exótico onde não entendo nada do que as pessoas falam, comendo coisas esquisitas que eu nem sei se são de origem animal ou vegetal, e me pego pensando "um petit gâteau do Café com Letras agora ia cair bem". Ou então estou em um pub em algum lugar chic, chega uma garrafinha de cerveja com um guardanapo enrolado no gargalo, e eu me lembro: "olha, igual eles fazem lá no Café". Viajar é bom, mas quanto mais comparamos as novidades com as boas lembranças, mais saudade a gente sente.

Talvez ninguém no mundo tenha entendido melhor esse sentimento do que nós, brasileiros. Nenhum outro povo que eu já conheci fala uma palavra como essa, "saudade". Não há outra, em todas as línguas que eu falo, que expresse melhor o que eu sinto pelo Café com Letras, por Belo Horizonte, pela música daqui, pelos meus amigos. Logo estarei de volta à minha longa jornada, e vou morrer de saudade de vocês de novo.

Aos "poucos sortudos", saudações. Espero que vocês saibam que são pessoas privilegiadas.



Saiba mais sobre o projeto 'Filhos de Warhol, netos de Duchamp'



Com a proposta de fomentar a produção incipiente e abrir espaço para a divulgação e discussão do trabalho de artistas, ilustradores, designers e fotógrafos, o Café com Letras vem promovendo o projeto Filhos de Warhol e Netos de Duchamp. As exposições tiveram início em agosto e acontecem até o final de dezembro. A cada mês, uma exposição diferente, com temática relacionada à proposta geral do projeto.

De acordo com a curadora responsável, Mariana Lage, "em cada trabalho selecionado, foram exploradas as influências, implícitas ou ex-

plicitas, de outras linguagens e movimentos da história da arte. A ideia é demonstrar o hibridismo da produção contemporânea".

Mariana conta que a ideia do título surgiu dos estudos que realiza sobre arte contemporânea. O texto de apresentação do projeto dá o tom da intenção: "Se existe um ponto pacífico no debate da arte contemporânea é aquele que reconhece a dissolução de grandes rótulos que norteiam os parâmetros de julgamento e qualificação de obras de arte. Vivemos de releituras, ou antes, de citações e poéticas que entrelaçam as mais variadas referências, linguagens e suportes. E foi pensando nisso que a iniciativa baseou-se, ainda,

no objeto central das discussões: os limites entre arte e consumo".

Para a seleção dos projetos foi montada uma banca examinadora, composta por Alcécio Cunha (jornalista e crítico de arte do jornal Hoje em Dia), Eduardo de Jesus (professor da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC-Minas), Flávia Albuquerque (curadora da galeria Celma Albuquerque), Mariana Lage (curadora do Café com Letras e mestrande em Filosofia da Arte-UFMG) e Paulo Weisberg (arquiteto e artista plástico).



CULTURA



CIDADANIA



EDUCAÇÃO



MEIO-AMBIENTE



ÉTICA



**NOSSO
COMPROMISSO
COM VOCÊ**

REDE MINAS

PRÊMIO MÍDIA REGIONAL TV 2006



REDE MINAS



CULTURA

Sonho de uma noite de verão



Café com Letras, diz a placa. E se o Café nasceu em parte do gosto pelos livros que teimava em acompanhar o intrépido Bruno Golgher desde criança, nada mais justo do que compartilhar com os leitores o bonito projeto da Livraria do Café, de autoria das mãos e do olhar talentosos de Wellington Cançado, Eduardo Campos e Daniel Veiga. As fotos são da maquete, diminuta obra caprichada que reproduz espaços e dá dimensão real à imaginação.

Um corredor de cultura, caminho para o conhecimento, o crescimento, a diversão... lugar também para momentos sossegados de leitura, em total integração com o 'caldo atômico'. A maquete pode ser pequena, mas o espaço aberto aos projetos que valem a pena é quase infinito... como o são as idéias que tornam os sonhos possíveis.

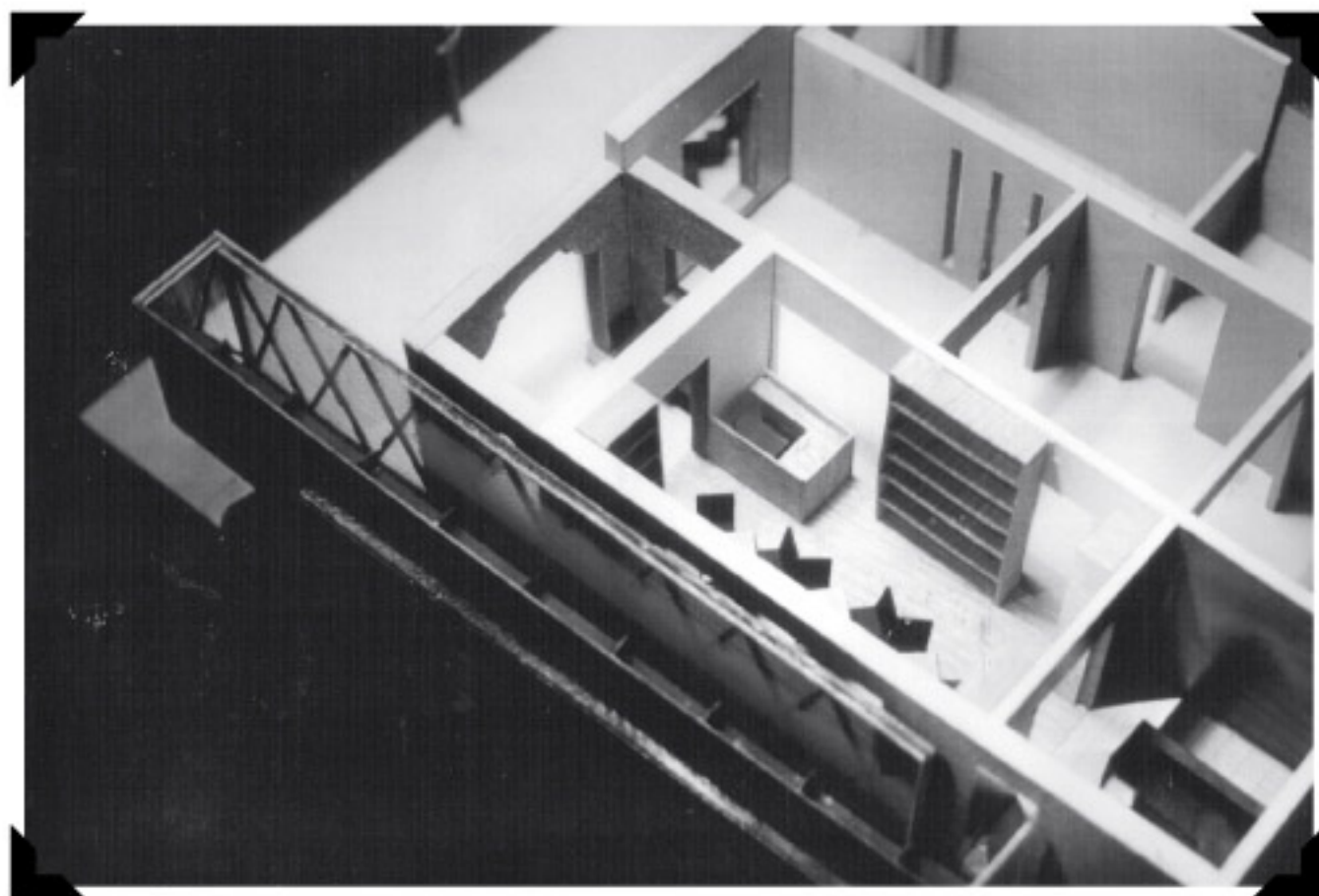
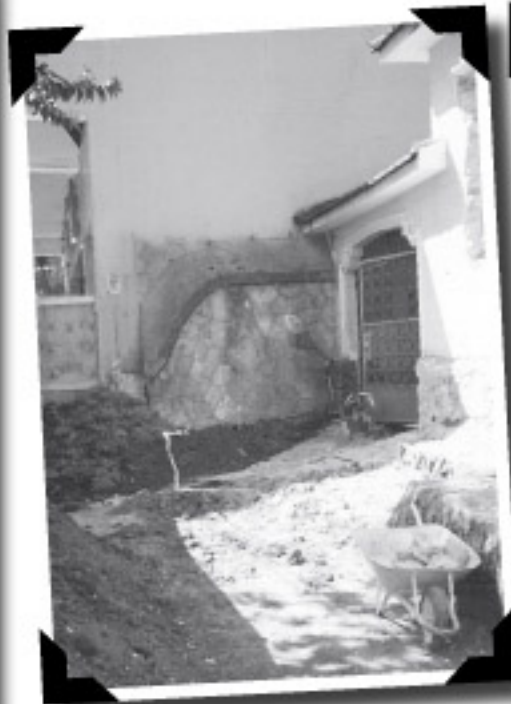


FOTO COM LETRAS

O álbum de recordações dos 10 anos do Café com Letras



A retirada da faixa de "aluga-se", a fachada, tão diferente... as reformas, o primeiro livro vendido... muito trabalho duro, muitas memórias queridas. Como dizia a canção: recordar é viver. Já se passaram 10 anos... e que venham mais 10, e outros 10, 20, 30....



Os melhores do ano

Como espaço democrático que é, o Café com Letras convida você, caro leitor, a escolher 'Os melhores do ano' - DJs, garçons, habitués, eventos... todos são candidatos. Sem falar na eleição do Imortal do Ano! Os eleitos serão conhecidos no dia 17 de novembro, durante as comemorações do aniversário do Café. Aliás, uma festa imperdível. Exerça seu direito de escolha: é só recortar a cédula e votar!

Melhores do ano 2006 Cédula oficial de votação

No Café com Letras

IMORTAL

- Pessoal do Martini Fiero
- Gabi
- Ike
- Juristas do Café
- Matias
- Eduardo Red Bull



HABITUÉ

- Pessoal da Telemig Celular
- Rachel (Chancelady) e Chanceler
- Sérgio e Júnior
- Tiagão, Fernando Americano e turma
- Jorge Netto



MELHOR DJ

- Gabi
- Penélope
- Bray
- Deivid
- Danelectro
- Fausto

Na cidade de Belo Horizonte

MELHOR EVENTO CULTURAL

MELHOR EVENTO

- Savassi Festival: Jazz & Lounge
- Sunset Djs: ambient
- Mostra de Design: arquitetura
- Festival de Inverno da Savassi
- Jazz com Todas as Letras



MELHOR INICIATIVA

- Filhos de Warhol, Netos de Duchamp
- Novo site do Café com Letras
- Equipe "Corredores do Café"
- Jornal Letras do Café
- Projeto "Produto Interno"



MELHOR GARÇOM



PERSONALIDADE CULTURAL DO ANO

Homenageados Especiais

Carla Marin, Daniel Poeira e Elias Kfoury pelo Letras do Café e por muitos anos de convivência, companheirismo e carinho

Andréia Moreira Santos, que completa 10 anos trabalhando no e pelo Café com Letras, sempre com muita dedicação, responsabilidade e competência

O Café com Letras é muito importante na história do casal Alexandre Mancini (o Discotecário Chanceler) e de sua amada Rachel, a 'Chancelady'. Conheça esse simpático casal, que é candidato a habitué na eleição dos 'Melhores do ano' e forma, junto com Carla Marin - a editora deste periódico - o trio de música italo-americana 'Don Mancini & the Cannoli', que já fez apresentações memoráveis no palco do Café com Letras!

LC: Quando vocês começaram a frequentar o Café?

Casal: Individualmente começamos a frequentar o Café desde o primeiro ou segundo ano de existência. Vale dizer que começamos o nosso namoro em um domingo de janeiro de 2001 assistindo a um show do Olivia Trio!

LC: Por que vocês vêm aqui com tanta frequência, até hoje?

Casal: O Café nos dá uma sensação de estar em casa. Além disso, encontramos bons amigos, boa comida, boa música e muito mais.

LC: Quais foram os momentos mais memoráveis que vocês já passaram no Café?

Casal: O início de nosso namoro... o pedido de casamento, que também foi feito aqui, com direito a petit gâteau especial em forma de coração, e

a discoteca-gem que fizemos juntos em um dia dos namorados.

LC: O povo quer saber: quando é que o Don Mancini vai tocar de novo no Café?

Casal: Nós t a m b é m q u e r e m o s saber... (risos)

LC: Qual o prato que vocês mais pedem?

Casal: (em coro) Filé

com Risotto de Agrião e Fettuccine Alfredo!

LC: Vocês se lembram de algum caso engraçado que aconteceu com vocês no Café?

Chanceler: Uma discoteca-gem que fiz acompanhada de locução, bem ao estilo rádio AM, onde recebia recados e pedidos de músicas que anunciava ao vivo... "De fulano do Anchieta para Fulana do Funcionários, com todo amor e carinho, uma doce canção..." Rachel: Teve a noite em que um grande amigo transfor-



mou o salão em uma pista de dança!

LC: O que tinha no Café que não tem mais e vocês sentem falta?

Casal: Ex-funcionários como a Marina e o Ike... e o Risoto de Camarão!

LC: Qual é a pergunta que vocês querem fazer para o Café?

Casal: Quando é que o Don Mancini vai tocar de novo no Café? (muitos risos)

LC: Para finalizar em grande

estilo: deixem a sua mensagem de aniversário para o Café!

Casal: Que o Café com Letras esteja cada vez mais presente na vida de todos nós. Nosso carinho e admiração por esta casa é enorme e nos sentimos privilegiados em fazer parte desta história. Desejamos todo o sucesso e felicidade do mundo não só ao Café, mas a todos que fazem parte dele.



MATÉRIA DE CAPA

grande erro. Nesse ano, a gente começou a retomar o trabalho na livraria, e está dando resultados. O foco hoje é literatura e poesia, estamos encontrando o caminho. Um dia vai acontecer.

LC: Você é um empreendedor cultural atuante, com projetos que extrapolam o espaço do Café com Letras. Como foi a sua transposição de "dono do Café dos amigos e da família" para o papel de "agitador cultural"?

BG: Aconteceu meio por acaso. Já nos primeiros dias, a gente teve shows de Jazz no Café. O Chico Amaral era cliente do Café, e um dia falou "quero tocar aqui". Bancamos o show, uma extravagância pra gente na época, a Cilza fez um cartaz, pôs ali no jardim... Ai um senhor - o Sr. Ajax - passou por aqui no dia seguinte e perguntou quando ia ter de novo. Explicamos que era difícil, e tudo... então ele disse "eu pago". Ele se tornou uma espécie de mecenas, incógnito, nunca quis aparecer. Com o tempo foi ficando mais difícil encontrá-lo, pegar a "semanada" do músico... e a gente então começou a cobrar couvert. E os shows de jazz eram um grande sucesso, literalmente uma loucura. Ai eu me interessava também por DJs, e fomos chamando os DJs pras sextas-feiras, o jazz era nas quartas... E para pagar as contas, depois do fim da sociedade, um dos caminhos que eu encontrei foi começar a fazer mais coisas aqui dentro, e isso se impregnou no Café. Lançamentos de

livro, festivais...

LC: Disso pros projetos maiores como o Savassi Festival foi uma evolução natural...

BG: As coisas acontecem, sair de projetos pequeno e eles irem se modificando, ficando maiores, mais sofisticados. Assumirem formas diferentes. Começa tudo pequeno, caseiro, muito esforço, aí as coisas vão crescendo, como se tivessem uma "lógica".

LC: Quem conhece o Café e seus projetos hoje pode não imaginar o quanto você já pôs a mão na massa até ter uma coisa bem mais estruturada...

BG: A gente na verdade sempre pensa que está tudo meio desestruturado. Você organiza mas está sempre olhando pra frente. Mas essa é uma inquietação importante, que persegue a gente desde o começo... acredito que seja justamente por isso que as coisas cresceram.

LC: Hoje, como é a "gestão" do Café? O que é levado em consideração na hora de fazer do Café com Letras o que ele é?

BG: A gestão do Café ainda é uma criança. Muito pode ser melhorado, muita coisa pode ser feita, até porque eu estou sempre aprendendo sobre gestão. É muito intuitivo. Por exemplo, a Galeria do Café, a mudança mais recente - a gente resolveu criar projetos pras artes no Café que tivessem fôlego e consequência estética. O primeiro foi o "Filhos de Warhol, netos de Duchamp", idéia trazida pela Mariana Lage. Houve

um processo seletivo, banca, são artistas interessantes... e num dos lançamentos do ciclo de exposições, veio a idéia de criar uma pequena galeria. Nos próximos projetos, já vamos ter um espaço mais estruturado - uma forma de dar um tratamento melhor para os artistas, suporte, iluminação, etc..

Não sei se existe uma teoria para a gestão do Café, mas a principal fonte é um certo "ativismo", fruto de uma inquietação. Pensar algo, fazer, ver se vai adiante. Erros acontecem, algumas idéias funcionam mais, outras nem tanto, mas são importantes também. É meio procurar uma coisa e não saber o que é, por isso é importante fazer, experimentar, e observar para ver no que dá.

LC: Quais os "melhores momentos" nesses 10 anos?

BG: Muitas coisas marcantes. O primeiro Savassi Festival... eu sempre quis fazer Jazz na rua, achei que viriam umas 750 pessoas, vieram 5000. Pensei - "tô perdido" - mas todo mundo adorou. Foi uma coisa intensa. E quando observei uma multidão de jovens adorando um show de tango... percebi que não sabia nada, porque dentro da lógica do marketing "produto-mercado", isso não deveria acontecer. Foi surpreendente. Muito positivo. É difícil apontar momentos marcantes, acontece todo dia. Vocês me apresentarem o projeto do Letras do Café, por exemplo, foi sensacional. Eu queria muito que as pessoas que vêm aqui

começassem a "se apropriar" do Café e desenvolver seus projetos, projetos com o Café, com outras pessoas...

LC: Acredito que um dos frutos mais bacanas do café seja esse envolvimento, o vontade de participar de alguma forma... fazer do Café algo maior do que as cadeiras e as mesas...

BG: Isso é particularmente recompensador. Hoje eu estou muito impressionado também porque a gente começou a estabelecer metas pra equipes no Café, e as pessoas começam a se desenvolver, buscar soluções, pensar como fazer melhor... e começam a "administrar" também o Café. Esse envolvimento, das pessoas daqui, das pessoas de fora, é muito recompensador mesmo, é a melhor parte.

LC: Nessa década de Café, o que mudou e o que permaneceu?

BG: Além de mim e da Andréia, nossa mais antiga funcionária, o que se mantém é a idéia de que o Café deve ser um lugar o mais interessante e inclusivo possível. Um espaço estimulante, rico de idéias. O que mudou é a maneira de fazer isso. Projetos culturais, relacionamento com seu entorno, com a cidade. Isso está se aprofundando e é importante para mim.

LC: E para os próximos 10 anos?

BG: O esforço hoje é para os projetos culturais. O Café funciona como um laboratório, onde projetos vão surgindo, crescendo e saindo daqui. Eu gostaria

que os projetos ficassem fortes, vigorosos. Toda expansão do Café está ligada à idéia de fazer mais, culturalmente. Assim, eu gostaria que o Café tivesse um cinema; queria que houvesse um cruzamento maior entre as atividades de estar do Café e as atividades de produção cultural... Queria que o café desenvolvesse uma pequena escola de produção cultural, integrada com universidades, um laboratório, mesmo... A rádio do Café, tem que acontecer, o jornal tem que se desenvolver... isso tudo sempre ligado aos clientes do Café, aos próprios projetos culturais, numa evidente sinergia. O desejo maior é expandir as possibilidades de trabalhar no campo da cultura e poder desenvolver projetos com mais vigor, mais autonomia. O Café pode ser um catalisador disso, como uma ferramenta de agregação de competências, vontades... para que as pessoas possam se encontrar e desenvolver suas idéias. Quando você chega num lugar e encontra uma atmosfera vibrante, você sente imediatamente. Quanto mais houver gente pensando e criando coisas interessantes, tudo é melhor. Antigamente eu fazia projetos. Hoje eu recebo projetos, como o do jornal, o da livraria - o que eu acho um privilégio. Então é isso - o Café deve ser um espaço de desenvolvimento. Um lugar que possa prover meios e informações para que projetos, meus e de quem quer que seja, aconteçam. Um caldo atômico. Isso é o que eu quero que exista.



A Ototoi apresenta os seus principais projetos culturais

para 2007:

- Sunset DJs
- Mostra de Design
- Seminário Internacional Cidades Criativas
- Festival de Inverno da Savassi
- Savassi Festival: Jazz & Lounge
- Dito pelo Não-dito: : o que há de não-conceitual na arte contemporânea
- Jazz com Todas as Letras

A Ototoi é uma produtora cultural especializada na criação e no desenvolvimento de projetos culturais inovadores. Trabalha em colaboração permanente com o Café com Letras e com o Instituto Cidades Criativas.

Conheça o nosso trabalho em www.ototoi.com.br

Para oportunidades corporativas, entrar em contato com Bruno Golgher, em bruno@ototoi.com.br

ototoi

O CAFÉ COM LETRAS
GOSTARIA DE AGRADECER AOS
CLIENTES,
AMIGOS,
FAMILIARES,
FUNCIONÁRIOS,
FORNECEDORES,
COLABORADORES,
DEFENSORES,
MÚSICOS,
ARTISTAS,
ESCRITORES,
DJs,
VJs,
DESIGNERS,
MECENAS,
VIZINHOS
E A TODOS AQUELES
QUE CONSTRUÍRAM COLETIVAMENTE
A SUA HISTÓRIA.



NOSSO SINCERO MUITO OBRIGADO!